



GOVERNO

Programa desenvolverá sistema de inteligência artificial que englobará todos os dados públicos. Além disso, um dos projetos é colocar o supercomputador brasileiro entre os cinco mais poderosos do mundo. Recursos sairão do Fundo de Desenvolvimento Tecnológico

Plano de IA receberá R\$ 23 bi em investimento

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebeu, ontem, a proposta para criação do Plano Brasileiro de Inteligência Artificial (PBIA), com investimento de R\$ 23 bilhões na área nos próximos quatro anos. O documento é um desenho inicial da medida, que ainda será discutida pelo governo federal. No planejamento está, por exemplo, a criação do quinto maior supercomputador do mundo para o processamento de dados públicos.

Lula destacou a importância da iniciativa para armazenar e processar dados públicos, diminuindo a dependência de empresas estrangeiras — como ocorre hoje. Aproveitou para criticar as big techs e defendeu que a inteligência artificial precisa ser utilizada para gerar empregos.

“Temos as big techs que fazem isso (coletam dados) sem pedir licença, sem pagar imposto. Cobram e ficam ricas por divulgar coisas que não deveriam ser divulgadas”, afirmou o presidente, em discurso na abertura da 5ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia.

Ele acrescentou que, atualmente, cada órgão público tem o seu próprio banco de dados e deu como exemplo o Sistema Único de Saúde (SUS). “E o banco de dados do Brasil? A gente não vai ter? A nossa inteligência artificial vai começar por aí. A gente cria uma estrutura para que todos os dados desse país sejam compilados e colocados à disposição da sociedade brasileira”, enfatizou.

Para Lula, o avanço da IA não pode ser sinônimo de desemprego e fim de postos de trabalho. “Se é para isso, não quero. Que coisa é essa que é tão importante e vai causar problemas para a sociedade? Nossa inteligência artificial tem que ser inteligente e queremos fazer dela uma fonte

Ricardo Stuckert/PR



Com o secretário-geral da conferência, Sérgio Rezende, Luciana comemora a entrega do plano, que ainda turbinará o supercomputador brasileiro



E o banco de dados do Brasil? A gente não vai ter? A nossa inteligência artificial vai começar por aí. A gente cria uma estrutura para que todos os dados desse país sejam compilados e colocados à disposição da sociedade brasileira”

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva

para gerar emprego”, frisou.

O PBIA foi uma encomenda de Lula ao Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNCT), órgão formado por entes privados, públicos e especialistas da área para assessorar a criação de políticas públicas. O pedido

foi feito em março e apresentado ontem. O presidente anunciou que convocará uma reunião ministerial, na semana que vem, para colocar em prática o que está previsto no documento, após voltar da viagem que fará ao Chile, em 5 e 6 de agosto.

Os R\$ 23 bilhões para financiar o projeto virão, principalmente, do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), além de parcerias público-privadas. Entre as iniciativas, está o aumento da capacidade do supercomputador Santos Dumont, que passará a ser o quinto mais potente do mundo. Também está prevista a criação de um banco de dados para dados públicos do país.

Soberania

Para a ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, o PBIA garantirá “que o governo brasileiro lidere um processo que vai além do serviço público”. Ela garantiu que os recursos necessários para o plano estão assegurados, pois

a maior parte deles não pode ser atingida por contingenciamentos. Questionada sobre como o plano será implementado, se por decreto ou projeto de lei, ela disse que o formato jurídico da medida está sendo discutido.

“Será uma nuvem soberana. E a gente não vai depender da capacidade de armazenamento concentrada nas grandes empresas internacionais”, salientou.

O principal objetivo da 5ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia é reunir propostas para a Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI) que está sendo elaborada pelo governo — e deverá reger as políticas públicas da área pelos próximos 10 anos.

Críticas aos ruralistas

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, em entrevista ontem à TV Centro América, afiliada da Globo no Mato Grosso, que não dá para um setor receber R\$ 467 bilhões em financiamento e achar pouco. Ele se refere ao Plano Safra, voltado para os agricultores, no qual ainda é grande a resistência ao atual governo.

Segundo Lula, as críticas a ele e aos seus ministros saem mais de presidentes de entidades que não representam o agronegócio. “Não dá para o cidadão receber um financiamento de R\$ 475 bilhões e achar que é pouco”, disse. “A gente vai dar o que a gente pode, não tenho somente a agricultura para atender. Tenho muitas outras coisas para atender neste país”, disse.

Lula frisou que o volume do Plano Safra seria considerado grande em qualquer lugar do mundo. “Tenho certeza de que a maioria dos empresários gostou. Pode ter um presidente de alguma entidade, porque normalmente o presidente das entidades não falam pelos produtores. Muitas vezes, o presidente da entidade não é nem fazendeiro, ele é um funcionário. E ele fala: ‘Não, é pouco’. É pouco para quê, cara pá-lida? Me diga, é pouco para quê?”, criticou.

Uma das entidades que mais resistem ao governo é a Aprosoja, que, inclusive, financiou a conferência CPAC, no começo de julho, em Balneário Camboriú (SC). Do evento de extrema direita participaram o ex-presidente Jair Bolsonaro e o presidente da Argentina, Javier Milei — que esteve no Brasil em visita não oficial.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Para quem passou pela tentativa de golpe de Estado de 8 de janeiro de 2023, quando partidários do ex-presidente Jair Bolsonaro tomaram a Praça dos Três Poderes e invadiram seus palácios com objetivo de provocar uma crise institucional e destituir o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a nota do PT reconhecendo a “vitória” eleitoral do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, revela um partido político que perdeu a noção da realidade na qual atua.

A nota trata Maduro como “presidente reeleito” e descarta que o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) venezuelano divulgue os dados de cada local de votação, principal cobrança da oposição e de vários países. O Itamaraty considerou essa divulgação o “passo indispensável para a transparência, credibilidade e legitimidade do resultado do pleito”. O CNE garante que Maduro venceu com 51,2% dos votos, ante 44% de Edmundo González, o principal opositor. Ninguém acredita.

O PT abandonou a centralidade da democracia e subordinou seus valores ao alinhamento ideológico com forças de esquerda da América Latina que ainda

PT perdeu a centralidade da democracia

se pautam pela agenda do velho nacionalismo, uma linha de atuação na qual o inimigo principal são os Estados Unidos e a democracia é apenas um instrumento de acumulação de forças para chegada ao poder, que deve ser mantido a qualquer preço, mesmo por meio de fraudes eleitorais e feroz repressão à oposição. É o que acontece agora na Venezuela.

Não se compreende a aposta do PT no alinhamento de Maduro ao eixo formado por Rússia, China, Cuba, Irã, Síria, Madagascar e Coreia do Norte, além de Honduras e Nicarágua, para se manter no poder. Essa é a chave geopolítica — e estratégico-militar — para a qual a Venezuela se direciona e que não interessa nem um pouco ao Brasil que venha a se tornar o divisor de águas da política latino-americana. É uma aposta na “guerra fria” e não no multilateralismo, que pauta a política externa do próprio Lula, e não, apenas, a tradição diplomática do Itamaraty.

Para um partido fundado em 1980,

o posicionamento do PT sobre a Venezuela, no frígido dos ovos dessa crise diplomática, é de uma infantilidade política que beira o complexo de Peter Pan. A síndrome se inspira no famoso personagem dos contos de fadas de J.M. Barrie, que não aceita crescer e prefere continuar no mundo da infância para sempre. Uma mistura de imaturidade e narcisismo político.

Grosso modo, a ideologia consiste em separar a produção das ideias das condições históricas sobre as quais são produzidas. Ou seja, dar às ideias status de universalidade, atemporalidade e apriorismo. A ideologia assume um poder superior e exterior, um poder espiritual autônomo, capaz de mascar as contradições reais.

É o que mostra a cúpula petista, que sabota os esforços do Itamaraty para construir uma solução na qual as regras do jogo democrático prevaleçam e põe Lula numa saia justa mais apertada do que já estava, do ponto de vista

diplomático. O PT se isola, fragiliza o presidente e leva água para o moinho da oposição.

Violência cresce

Há, sim, um esforço de Lula para chegar a um posicionamento sobre a Venezuela que não descole o Brasil da maioria dos países do G20, que se reúne em novembro, no Rio de Janeiro. Ontem, o presidente brasileiro conversou com o presidente Joe Biden, dos Estados Unidos, e reiterou a posição de aguardar a divulgação das atas eleitorais para reconhecer ou não a vitória de Maduro. Essa posição é compartilhada com Colômbia, México, Inglaterra e União Europeia, que também exigem transparência na apuração das urnas.

Entretanto, também ontem, em entrevista, Lula disse que a situação na Venezuela é “normal” e que a contestação do resultado pela oposição deve ser encaminhada à Justiça. Com certeza

tentará se distanciar de Maduro, mas não romperá relações com a Venezuela, nem apoiará uma intervenção militar no país vizinho.

Na Venezuela, a revolta popular diante da proclamação da vitória de Maduro sem a comprovação do resultado pelas atas das urnas, duramente reprimida, já resultou em 11 mortos, 48 feridos e 749 presos. Maduro acusa parte da oposição e países de incitarem um suposto golpe de Estado no país contra o resultado eleitoral.

Ontem, o parlamento venezuelano reconheceu o resultado, enquanto as forças de segurança reprimiam os protestos. O CNE ainda não divulgou as atas que comprovam o resultado anunciado como deveria e o governo diz que o sistema sofreu um ataque de hackers. Mas proclamou a vitória de Maduro com 51,21% dos votos, contra 44% para González e 4,6% para os outros oito candidatos.

O chefe do Ministério Público da Venezuela, Tarek William Saab, qualificou os atos de protestos como terrorismo. É a narrativa de uma ditadura. Há 11 anos no poder, Maduro terá mais seis anos de mandato.